

Mundo

APÓS MORTE DE NAVALNY

Nobel de Literatura compara Putin a Hitler

Escritora berrusa Svetlana Alexievich alertou para riscos vindos de Kremlin



Críticas a Lula. Netanyahu afirmou em Jerusalém que declarações "cruzaram a linha vermelha"



Histórico de políticas. Outros posicionamentos do governo Lula já incomodaram Israel antes

CRISE DIPLOMÁTICA

Israel convoca embaixador do Brasil após Lula comparar Gaza ao Holocausto

CAMILA TURTELLE
E JENIFFER GUILARTE
emmanuel@globo.com.br

Após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ter comparado ontem, em entrevista coletiva na Etiópia, as mortes de palestinos em Gaza ao extermínio de judeus na Alemanha nazista de Adolf Hitler, o governo de Israel anunciou que irá reponder o embaixador brasileiro em Tel Aviv. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse que "as palavras do presidente do Brasil são vergonhosas e graves" e que ele "cruzou uma linha vermelha". Do lado brasileiro, fontes diplomáticas ouvidas pelo GLOBO afirmaram que estão tomando pé da situação antes de se manifestarem, até para evitar que haja novos ruídos na já conturbada relação entre os dois países. O Itamaraty não se manifestou oficialmente. Representantes do governo

israelense afirmaram, em caráter reservado, que Israel ainda discute quais serão as ações adotadas em relação à fala de Lula, além do repúdio público. No X (ex-Twitter), Netanyahu escreveu: "Trata-se de banalizar o Holocausto e de tentar prejudicar o povo judeu e o direito de Israel de defender a luta pela sua defesa e pela garantia do seu futuro até a vitória completa e faz isso ao mesmo tempo que defende o direito internacional".

VERGONHOSAS E GRAVES

Na sequência, o premier disse ter decidido "convocar imediatamente o embaixador brasileiro em Israel para uma dura conversa de repreensão". O ministro das Relações Exteriores de Israel, Israel Katz, escreveu: "As palavras do presidente do Brasil são vergonhosas e graves. Ordenei aos funcionários do meu gabinete que convoquem o embaixador do Brasil para uma repreensão ama-

nada [hoje]". O colunista do GLOBO Bernardo Mello Franco informou que o embaixador Frederico Duque Estrada Meyer foi convocado para uma reunião hoje, na qual deve se limitar a ouvir as queixas e transmiti-las ao Itamaraty. O presidente, que retornou ontem ao Brasil, foi convidado para discursar, no último sábado, na sessão de abertura da cúpula da União Africana. Ele também teve reuniões bilaterais com líderes do continente e com o primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina, Mohammad Shtayeh. No encontro, Lula criticou tanto Israel quanto o grupo terrorista palestino Hamas, que atacou o país em 7 de outubro, deixando mais de 1.100 mortos e cerca de 250 reféns. Ontem, porém, Lula comparou a ofensiva israelense em Gaza — que já deixou mais de 28 mil mortos, mais de 1% da população do enclave — ao Holocausto ao criticar países

ricos que suspenderam o financiamento à Agência da ONU de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA, na sigla em inglês). As ações foram interrompidas após o governo israelense denunciar que funcionários do órgão haviam participado do ataque terrorista da Hamas a Israel em outubro. A UNRWA, por sua vez, anunciou uma investigação e afastou "vários" acusados. — O que está acontecendo na Faixa de Gaza não existe em nenhum outro momento histórico, aliás, existiu, quando Hitler resolveu matar os judeus — disse Lula na Etiópia.

CRÍTICAS

As declarações provocaram críticas de representantes da comunidade judaica dentro e fora do Brasil. O presidente do Memorial do Holocausto Yad Vashem, em Jerusalém, Dani Dayan, disse no X que as "vergonhosas palavras" do brasilei-

ro são uma "escandalosa combinação de ódio e ignorância", e que se tratou de "uma clara expressão antisemita". Para a Confederação Israelita do Brasil (Conib) foi uma "distorção perversa da realidade" que "ofende a memória das vítimas do Holocausto e seus descendentes". A Conib disse, ainda, que "Israel está se defendendo de grupo terrorista que invadiu o país, matou mais de mil pessoas, promoveu estupros em massa, queimou pessoas vivas e defende em sua Carta de fundação a eliminação do Estado judeu". Em nota, o Hamas agradeceu Lula pela comparação.

Anteontem, Lula afirmou que o momento é "propício" para se resgatar tradições humanistas e que isso implica condenar as agressões dos dois lados no conflito entre Israel e Hamas, defendendo a criação de um Estado Palestino "livre soberano, reconhecido como membro pleno da ONU". — Ser humanista hoje implica condenar os ataques perpetrados pelo Hamas contra civis israelenses e demandar a libertação imediata de todos os reféns. Ser humanista impõe igualmente o rechaço à resposta desproporcional de Israel, que vitimou quase 30 mil palestinos em Gaza, em sua ampla maioria, mulheres e crianças, e provocou o deslocamento forçado de mais de 80% da população.

Lula, em entrevista coletiva na Etiópia

mas daquele genocídio. Insisto, é legítimo criticar e condenar Israel pelas ações militares em Gaza, ainda que o governo Netanyahu use a também legítima justificativa de esta ser uma resposta ao atentado terrorista do Hamas em 7 de outubro, quando mais de 1.200 israelenses e alguns estrangeiros foram mortos, mulheres estupradas e cerca de 240 pessoas, incluindo bebês, capturados pelo grupo.

Discordo da forma como os israelenses vêm conduzindo a guerra em Gaza, desproporcional, e avalio que um cessar-fogo neste momento salvaria a vida de milhares de crianças e civis palestinos, levaria à libertação de reféns e acalmaria os ânimos na fronteira Israel-Líbano e no Mar Vermelho.

HISTÓRICO CONTURBADO

Esta não é a primeira vez que posicionamentos de Lula sobre a guerra em Gaza incomodam os israelenses. Em janeiro, o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zorshine, lamentou o apoio brasileiro à ação monda pela África do Sul contra seu país na Corte Internacional de Justiça (CIJ). Os sul-africanos acusam as autoridades israelenses de cometerem um "genocídio" em Gaza.

Em Brasília, a oposição criticou a fala de Lula. O deputado federal Kim Kataguiri (União-SP) apresentou uma moção de repúdio ao presidente, e o senador Ciro Nogueira (PP-PI) afirmou no X que é "vergonhoso" comparar a operação israelense em Gaza ao Holocausto. Parlamentares apoiadores de Bolsonaro também se pronunciaram contra, assim como o ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal. Sem mencionar as declarações de Lula, o magistrado pregou equilíbrio à diplomacia brasileira e citou o endosso brasileiro à denúncia da África do Sul na CIJ.

ANÁLISE

Crítica sobre ação israelense é legítima, mas comparação com Holocausto, antisemitismo

GUILHERME CHACABRA emmanuel@globo.com.br

Crimes de guerra claramente têm sido cometidos pelas forças israelenses na Faixa de Gaza na resposta ao atentado terrorista do Hamas. São quase 30 mil mortos, maioria mulheres e crianças palestinas. A Cidade de Gaza, a maior do território, foi completamente destruída nos bombardeios. Mais de 1 milhão de palestinos foram forçados a deixar suas casas. O presidente Lula, portanto, não estaria errado se sequen-

ciasse e criticasse Israel por essas ações militares. Mas Lula era de maneira gravíssima ao compará-las com o Holocausto, quando seis milhões de judeus foram mortos em escala industrial pelo regime nazista. Para dar uma dimensão da gravidade, nenhum líder árabe fez comparação imilar até o momento. E a declaração pode, sim, ser vista como antisemitismo, o que a Conib, principal entidade judaica do Brasil. Concor-

do, e explico os motivos. Lula aparenta ver uma excepcionalidade nas ações de Israel, como se nada similar tivesse ocorrido nas últimas décadas. Mas posso citar uma série de conflitos comparáveis. Os EUA, que jamais foram atacados pelo Iraque, destruíram o país em uma guerra na qual morreram centenas de milhares de civis iraquianos. Há dois anos, a Rússia invadiu a Ucrânia, onde também comete atrocidades e sequestrou milhares de crianças ucranianas. A Arábia Saudita e os Emirados Árabes bombardearam funerais, casamentos e escolas no Iêmen. O Azerbaijão levou adiante, no ano passado, uma limpeza étnica de mais de 100 mil armêni- os. Atrocidades são co-

metidas na Etiópia, Congo e Sudão, assim como ocorreram crimes contra a Humanidade na Síria. Por que Lula não viu nada similar? Chama a atenção também o presidente brasileiro seguir relutante em criticar ditaduras da América Latina, como Venezuela e Nicarágua, onde a repressão a opositores se intensifica. Tampouco condena Vladimir Putin pela invasão da Ucrânia e a morte do opositor Navalny. Por que é tão mais fácil criticar Israel? Não é errado condenar o governo israelense pelas ações em Gaza, mas é o Egito, que Lula acabou de visitar? Não é governado por um ditador repressor? Ao comparar Gaza com o Holocausto, Lula faz uma provocação aos judeus, víti-

mas daquele genocídio. Insisto, é legítimo criticar e condenar Israel pelas ações militares em Gaza, ainda que o governo Netanyahu use a também legítima justificativa de esta ser uma resposta ao atentado terrorista do Hamas em 7 de outubro, quando mais de 1.200 israelenses e alguns estrangeiros foram mortos, mulheres estupradas e cerca de 240 pessoas, incluindo bebês, capturados pelo grupo.

Não creio que Israel eliminou o Hamas, pois fracassou no passado em Gaza e nas duas décadas de ocupação do Sul do Líbano, que deixou como resultado o surgimento do grupo xiita libanês Hezbollah, a mais poderosa milícia militar do planeta. Mas episódios históricos como o Holocausto, o Povoamento (genocídio do povo roma, também cometido pelos nazistas), e os genocídios armênio (cometido pelos turcos) e em Ruanda não devem ser comparados entre si ou com outros eventos na História da Humanidade. Lula deveria se concentrar apenas no que acontece em Gaza e manter a postura brasileira de defender a paz e a solução de dois Estados negociada por israelenses e palestinos.